

## APRESENTAÇÃO

“Um sorriso negro  
Um abraço negro traz felicidade (...)  
Negro é uma cor de respeito  
Negro é inspiração  
Negro também é saudade...”

(Adilson Barbado, Jair de Carvalho e Jorge Portela)

Os dados estatísticos revelam que as mulheres negras ocupam as piores posições em todas as esferas da vida social. São elas que exercem as funções de menor remuneração e visibilidade, as maiores vítimas da mortalidade materna e, segundo a antropóloga Ana Claudia Pacheco, as últimas escolhidas para o estabelecimento de vínculos afetivos amorosos. Vê-se que tanto no campo das relações objetivas materiais quanto no campo das subjetividades, são elas as que mais sofrem o impacto das diversas manifestações da violência racial.

Diante de tal realidade, é possível perceber o quão difícil é para uma mulher negra romper com os inúmeros obstáculos que lhes são, cotidianamente, colocados por sua condição racial. Assim, resistir é mais do que uma questão de sobrevivência, é uma difícil e corajosa decisão política. Historicamente, inúmeras mulheres negras enfrentaram os preconceitos e discriminações empunhando as suas armas contra o racismo e negando o lugar social que lhes foi imposto pelo sistema burguês, patriarcal e racista. Disseram não à subalternização, à exploração e às diversas formas de opressão. Mulheres como Tia Ciata, Mãe Menininha, Almerinda Farias Gama, Antonieta de Barros, Carolina Maria de Jesus, Maria Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, entre tantas outras deixaram seu registro na História, defendendo o direito à liberdade e à igualdade. Nessa trincheira, outras mulheres se juntaram a essa luta e dentre elas Franciane Cristina Menezes, a Fran.

Essa mulher negra, mineira, oriunda da classe trabalhadora, buscou romper, por meio da apropriação do conhecimento e da participação nas lutas coletivas, com a lógica do sistema capitalista racista, que determina que as mulheres negras devem ocupar a base da pirâmide social. Como uma verdadeira combatente, atuou em diversas trincheiras da luta em defesa de direitos e do respeito e valorização da diversidade humana. Diante de tanta violência e barbárie, próprias de uma sociedade marcadamente desigual, buscou aprofundar as suas reflexões ingressando no curso de doutorado em Serviço Social. Desejava se apropriar de novas ferramentas que lhe permitissem travar combates maiores,

bem como enfrentar, de forma mais contundente, os desafios já conhecidos. Em suas reflexões e críticas, denunciou as diversas expressões do racismo, dentre as quais o silenciamento diante das violações decorrentes da discriminação e do racismo institucional.

Como grande companheira, expressava, com generosidade, o carinho e afeto que nutria pelos amigos e amigas. Sempre muito dedicada em tudo que fazia e também muito crítica, não havia nada que passasse despercebido de seu olhar sempre atento e questionador. Doce como as trufas que “esculpia” e alegre como os girassóis que tanto amava, gostava de prostrar e ainda mais de ouvir. Defendia suas verdades com a força de sua ancestralidade africana e brigava pelo que acreditava sem nunca fugir à luta, uma verdadeira Candace.

Em 01 de março deste ano, Franciane Cristina Menezes faleceu. Sua morte ainda não foi totalmente esclarecida, mas tudo nos leva a acreditar que possa ter sido vítima daquilo que tanto combatia: o racismo institucional. Se comprovado o descaso na atenção à sua saúde, sua morte engrossa a macabra estatística de “mortes evitáveis”. Tal fato deve nos encorajar a continuar a sua (nossa) luta em defesa de uma sociedade livre de todas as formas de discriminação, exploração e opressão.

Como já nos dizia Cora Coralina: “Não sei se a vida é curta ou longa para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas”. Fran nos tocou o coração, nos tocou a alma e, talvez, por isso, tenha sido uma pessoa tão especial em nossas vidas. Assim, por tudo que lutou e pelo caminho que ainda temos a trilhar em busca de uma sociedade mais justa e igualitária, afirmamos: Fran, PRESENTE!

Por fim, os autores e editores deste número da Revista Libertas agradecem ao Professor Marildo Menegat pela iniciativa de pensar esta coletânea. Sem o seu incentivo, este trabalho não teria sido realizado.

Primavera, 2013.  
Roseli Rocha